

Jornalismo Cultural no Amapá: Caracterização da cobertura nos sites G1 Amapá e Seles Nafes¹

Anézia Maria Brito LIMA²

Benedita Monte da COSTA³

Bruna Thaís da Silva ARAÚJO⁴

Renato dos Santos CONCEIÇÃO⁵

Antonio Carlos SARDINHA⁶

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, AP

Resumo

Este artigo analisa a cobertura jornalística digital da agenda cultural no Amapá, por meio da observação de dois sites com maior acesso de leitores no Amapá, o G1 Amapá e Seles Nafes. A partir da análise qualitativa dos conteúdos selecionados no período de janeiro a maio de 2021, buscou-se identificar as características gerais sobre como esses veículos digitais abordam, na perspectiva do jornalismo cultural, a pauta ligada à cultura. Para esta pesquisa exploratória, utilizou-se como metodologia de análise de conteúdo. Destacamos

¹ Trabalho apresentado na IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Discente do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: anezialima55@gmail.com

³ Discente 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: beneditamontec@gmail.com

⁴ Discente do 8º semestre do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: missbthais@gmail.com

⁵ Discente do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: Knoud6@gmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Colegiado de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutor em Comunicação pela UNESP. E-mail: sardinhajor@yahoo.com.br

que a cobertura local possui um padrão de pouco interesse em trazer debates sobre os temas culturais, por isso, não há editoria específica de cultura nos dois blogs, nem a presença de profissionais especializados exclusivamente para a cobertura cultural no Amapá.

Palavras-Chave: Jornalismo Cultural; Mídias Digitais; Amapá; Portal Seles Nafes; G1 Amapá.

Abstract

This article analyzes digital journalistic coverage of the cultural agenda in Amapá, through the observation of two sites with greater readership in Amapá, G1 Amapá and Seles Nafes. From the qualitative analysis of selected content from January to May 2021, we sought to identify the general characteristics of how these digital vehicles address, from the perspective of cultural journalism, the agenda linked to culture. For this exploratory research, it was used as a methodology for analyzing the content of cultural coverage in the state. We emphasize that local coverage has a pattern of little interest in bringing debates on cultural themes, so there is no specific culture editorship in the two blogs, nor the presence of specialized professionals exclusively for cultural coverage in Amapá.

Keywords: Cultural Journalism; Digital Media; Amapá; Portal Seles Nafes; G1 Amapá.

Introdução

Nas terras do Amapá, há a diversidade de cores, jeitos e sabores de uma gente que, a cada dia, mantém viva sua cultura. É no Amapá que habita um patrimônio cultural e imaterial do Brasil, a manifestação de cortejo afro-religioso: Marabaixo.⁷ O estado é detentor de cidades históricas, como Mazagão Velho, que há 251 anos respira a religiosidade, cultura afro e realiza a tradicional Festa de São Tiago⁸, que mistura ritual religioso, teatro e história.

⁷ O Marabaixo é uma manifestação cultural do Amapá, de cortejo afroreligioso. A manifestação é símbolo da identidade negra nas terras amapaenses, sendo fortemente festejada nos bairros tradicionais de Macapá - Laguinho e Favela (atual Santa Rita), além de outras localidades do estado. Com elementos herdados de religiões de matrizes africanas, o Marabaixo é feito por homens vestidos com camisas floridas e calças brancas que giram ao redor das mulheres trajadas de saia florida e rodada, com blusas em tons fortes e cabelos adornados com flores. Esse cortejo é dançado dentro das rodas de Marabaixo, ao som das caixas de Marabaixo com entoadas dos Ladrões de Marabaixo. Os manifestantes devotam as bandeiras do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade, além de outros santos católicos, de acordo com Martins (2012).

⁸ A Festa de São Tiago acontece em Mazagão Velho, município do Amapá, no mês de julho. A festividade reúne marchas, cantos, rezas, procissão e apresentação teatral retratando a batalha entre cristãos e mouros e o episódio do

Esta pesquisa nasceu da necessidade de compreender a cobertura jornalística da agenda de cultura no Amapá na esfera digital, tendo como principais vias os sites G1 Amapá e Seles Nafes.

Em um primeiro momento, foi realizada a observação dos sites para compreender quais espaços são destinados à cultura. Após essa ambientação, orientados pelos procedimentos metodológicos da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), foram selecionadas notícias, reportagens, entrevistas, notas, editoriais e artigos com tema central vinculado à área de cultura. Para a análise, o estudo voltou-se para uma investigação dos conteúdos dos meses de janeiro a maio de 2021.

Com base em Gadini (2009), foram organizadas para observação e análise do conteúdo coletado as seguintes categorias: natureza jornalística do conteúdo (opinativo/informativo), abrangência do conteúdo (local/regional, nacional, internacional), temática predominante (eventos culturais/divulgação de produto cultural, políticas públicas culturais, problemáticas comuns à área como financiamento, falta de oportunidades, desafios dos atores envolvidos);

Assim como, o viés de abordagem (informativo, divulgação e promoção da imagem; aspectos econômicos, políticos e sociais em torno da cultura; atores envolvidos direta e indiretamente com o campo da cultura estão culturais ou outro tema), tipologia de fontes (agentes políticos, atores culturais, audiência da atividade, movimentos culturais e especialistas), abordagem do conteúdo (fato isolado/contextualizado e/ou tratamento inovador - trata de um desdobramento fora da abordagem factual). Na primeira seção do artigo, trataremos das questões conceituais em torno do jornalismo especializado na cobertura da área de cultura. Em um segundo momento, apresentamos análises e resultados gerais da pesquisa.

Na tentativa de buscar compreender a abordagem e direcionamento da cobertura, a proposta foi observar o objetivo das matérias sobre a prestação de serviços à sociedade, contextualização através de documentação científica, relatórios ou dados estatísticos. Além da apresentação de causas/consequências, responsáveis/protagonistas e alternativas/soluções na abordagem da questão pautada.

cavaleiro santificado, Tiago, na defesa da Mazagão africana, uma colônia portuguesa sediada em Marrocos. Cabral, Cardoso e Pena (2011) apresentam o ponto alto da festividade como “[...] a festa de São Tiago é uma guerra entre cristãos e mouros travada no continente africano, e que teve São Tiago e São Jorge lutando ao lado dos cristãos e o rei Caldeira ao lado dos mouros” (CABRAL; CARDOSO; PENA, 2011, p. 56).

A oportunidade de apresentar uma abordagem conceitual sobre o jornalismo na cobertura do caderno de cultura no estado, como ganchos para isso os portais G1 e Seles Nafes, elucida a pergunta sobre qual espaço o jornalismo cultural ocupa em grandes veículos de comunicação. No meio digital, de acordo com a pesquisa, as matérias são produzidas com a estrutura básica de textos do gênero informativo do Jornalismo. Matérias, notas e reportagens são os carros chefe da editoria de cultura e a frequência de publicações e aprofundamento desses textos seguem o ritmo de linha editorial de cada portal.

Os resultados parciais apontam para a necessidade de pesquisas na área de jornalismo cultural no Amapá, com análises que esclareçam periodicidade, temáticas levantadas, gêneros jornalísticos utilizados e a cobertura acerca desses temas. Ainda, a pesquisa chama atenção para a cobertura superficial das notícias com pautas referentes à cultura, que é feita principalmente sobre pautas factuais⁹ e possuem pouco ou nenhum aprofundamento e encaminhamentos inovadores.

1. O Jornalismo Cultural

O jornalismo cultural é a produção de conteúdos editoriais vinculados a pautas de cultura, contendo - ou não - elementos críticos e analíticos ou interpretativos, pensando, em termos subjetivos, os fatos relacionados à arte e as práticas culturais na sociedade (FARO, 2006). No Brasil, se convencionou como pauta cultural, o formato de artigos de opinião e críticas especializadas da produção artística, que, por muito tempo, permanece sendo o modelo comumente associado com os editoriais jornalísticos da área, em que vários títulos se tornaram populares na grande mídia.

Para Gadini e Woitowicz (2017), o campo jornalístico-cultural apresenta uma dicotomia importante, em termos teóricos e metodológicos, isto é, a contradição entre o atendimento das demandas do mercado cultural hegemônico para a construção das pautas tradicionalmente disseminadas pela produção jornalística. De um lado, o uso do jornalismo cultural como instrumento contra hegemônico para cambiar os padrões impostos pela indústria, através de críticas inseridas no contexto social, político e ideológico da sociedade, repudiando a linearidade convencionada na produção

⁹ Pautas factuais são acontecimentos recentes e/ou que estão acontecendo, oportunizando uma cobertura jornalística no desenrolar dos fatos (SILVA, 2013).

jornalística. Por outro lado, a dualidade na área do jornalismo cultural vai guiar as principais discussões dos profissionais da comunicação em torno da forma e do conteúdo das notícias culturais no Brasil.

A mídia pode contribuir imensamente para definir, em termos simbólicos, tudo aquilo que se considera relevante em uma sociedade, por conseguinte, é necessário pensar nas possíveis implicações que determinados temas possuem para a opinião pública. Nesse contexto, os grupos sociais, no Brasil, consideram a cultura como um campo de referência para institucionalizar o debate público em torno da identidade e do pertencimento, e, nesse sentido, a mediação dos profissionais da comunicação é essencial, atribuindo valor às práticas culturais a partir da sua interpretação (GADINI; WOITOWICZ, 2017).

2. Portal G1 Amapá¹⁰

O portal G1 Amapá faz parte do Projeto Rede Globo de Internet, desenvolvido pelas afiliadas da emissora. No Amapá, o portal entrou ao ar em 7 de junho de 2013 (exatos oito anos). No site, são disponibilizadas reportagens, notícias e entrevistas locais.

Atualmente, os conteúdos publicados no portal referem-se, em sua maioria, aos conteúdos televisivos veiculados na grade da Rede Amazônica (afiliada à Rede Globo no estado). Ou seja, houve uma diminuição nos conteúdos próprios do G1 Amapá, notados entre os meses de janeiro a maio de 2021. Ultimamente, há uma migração da maioria dos conteúdos televisivos para o portal. Os conteúdos são retirados dos telejornais: Bom Dia, Amazônia (BDA), Jornal do Amapá 1ª edição (JAP1) e Jornal do Amapá 2ª edição (JAP2). O portal não possui uma editoria de cultura.

Em linhas gerais, o portal oferece alguns serviços culturais, há roteiros com sinopses de filmes em cartaz, programação de teatro, espaços de lazer, mas durante a pandemia, nos meses analisados, essa prestação foi interrompida pela crise humanitária vivida e pela necessidade do distanciamento social.

Como explica Gadini (2009), esse modelo de prática jornalística no escopo do jornalismo cultural apresenta padrão editorial das publicações. A restrição da circulação de pessoas durante a pandemia afetou a realização dos eventos culturais e, como consequência, também impactou na produção das matérias. Mas, por outro lado, abriu

¹⁰ Ver em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/> Acesso em: 19 jun. 2021.

caminhos para novas pautas, como a assistência social e econômica aos atores e grupos culturais, políticas públicas voltadas à saúde dessas pessoas e impactos da pandemia no cenário cultural. No entanto, não há textos cobrindo as pautas citadas acima na coleta feita nos meses de janeiro a maio.

No material coletado, foram analisadas as características gerais de 31 produções textuais disponibilizadas nos formatos de reportagens, notícias e notas entre os meses de janeiro a maio de 2021. Nestes, há a predominância de abordagens factuais nas agendas de cultura, ou desdobramentos de datas comemorativas da editoria.

Há a apresentação de conteúdos locais e regionais, referentes a exposições de peças de teatro, mostras de cinema, datas importantes para as manifestações culturais do estado e divulgação de eventos do calendário cultural do Amapá. Na cobertura cultural, conforme Gadini (2009), os materiais produzidos no portal G1 Amapá são criados de acordo com as informações e indicações (*releases*) repassadas pelos próprios responsáveis das manifestações, eventos, peças e práticas, como afirma Gadini (2009).

É possível notar que as pautas relacionadas à cultura prevalecem ainda uma visão voltada ao consumo com o padrão de indicar peças, filmes, shows, eventos, conteúdos disponibilizados nas plataformas próprias da empresa (Globoplay, com conteúdos pagos), novelas, entre outros. Falta aprofundamento nas narrativas, críticas e abordagens que permitam entender a importância daquele advento para o funcionamento da sociedade.

Assim, cabe ao jornalismo cultural escapar à limitação temática de lançamentos de CDs, livros e exposições de artistas consagrados para podermos, enfim, compreendermos o sentido forte de cultura, explorando mais as implicações das obras na sociedade do que, propriamente, reduzir o jornalismo cultural a uma agenda de eventos. Falta mais análise e mais interpretação (no sentido de estabelecer relações múltiplas e complexas). O que exige uma perspectiva aberta para as obras humanas sem classificá-las em paradigmas redutores (MELO, 2007, p. 4).

Segundo Melo (2007), por outro lado, a cobertura cultural não pode ser definida a partir de um conceito de cultura apoiado sob uma matriz que hierarquiza as práticas culturais, com tendência a uma cobertura que favoreça a dita ‘erudita’. Na análise do portal G1, destacamos que, apesar da ausência dessa estratificação, o que se nota é uma predominância de uma cobertura que foca uma indústria cultural, sob uma ótica mercantil. Ou seja, a promoção da venda de produtos culturais. Portanto, há essa indefinição na

identidade do jornalismo cultural, que cada vez encontra-se em mudanças e adaptações que sequeciam nessa crise no fazer e ensinar o jornalismo cultural.

Uma análise dos três primeiros meses de 2021 mostrou que os conteúdos seguem uma linha informativa, com a predominância de notas e notícias, com abordagem factual. De 31 matérias analisadas, publicadas nos meses de janeiro, fevereiro e março, 44,8% são no formato de notícia, 37,9% de reportagens e 17,2% notas¹¹.

Geralmente, essas matérias são feitas sobre pautas quentes, respondendo o lead – o quê, quem, quando, onde, como, por que – e uma cobertura que não traz a presença de relatórios, dados ou pesquisas que aprofundem a temática. A presença e o tratamento dado às fontes acompanham uma tendência do jornalismo no Amapá: cobertura de forte viés institucional, que se constitui na reprodução da narrativa oficial, que não observa e trata pelo viés da ação jornalística presumida no exercício da reportagem, as narrativas interessadas das fontes no processo de construção da notícia.

No jornalismo cultural, é importante não se pautar somente nas agendas de eventos, buscando fugir de limitações e encaminhamentos superficiais, explorando as pautas culturais. Para Melo (2007, p. 4), o jornalismo cultural se reestruturou para adotar “(...) uma postura mais reflexiva, democrática e menos preconceituosa (...)”.

Na tipologia de fontes, organizada para tratamento do material coletado, destacamos: agentes públicos, atores culturais, empresa e/ou financiador, audiência da atividade cultural, movimentos culturais, especialistas ou pesquisadores culturais, outro tipo ou nenhuma fonte.

Nesse sentido, a análise observa a cobertura a partir do lugar de fala de cada fonte. Sendo assim, nos três primeiros meses, há a predominância de atores culturais do Amapá, seguidos de especialistas ou pesquisadores culturais e da audiência de eventos culturais. Agentes públicos, empresas e movimentos culturais têm poucos indicadores na cobertura digital do jornalismo cultural amapaense, a partir da observação feita no período de janeiro a maio de 2021.

¹¹Squarisi e Salvador (2018) explicam que a *notícia* é um formato produzido na estrutura de pirâmide invertida, que narra os acontecimentos sem aprofundamento ou desdobramentos do fato. Por outro lado, a *reportagem* é uma extensão da notícia, pois se debruça em apresentar encaminhamentos do fato, seguindo ganchos que se aprofundam no assunto. Por último, a *nota* é um formato do gênero informativo, caracterizado por seu tamanho condensado, sem aprofundamento ou presença de fontes no texto. Medina (2001) descreve as notas como um “relato de um acontecimento” (MEDINA, 2001, p. 54). Em suma, a nota responde apenas às perguntas do lead.

Dessa forma, é perceptível a tentativa de apresentar as pautas a partir do olhar dos protagonistas da história, como os atores culturais. Seja para protestar, apresentar questões ou denúncias. As pessoas que carregam a bandeira cultural estão presentes para afirmar o conteúdo da narrativa jornalística da cultura do estado, atuando como âncoras para a veracidade dos fatos.

Pesquisadores e outros profissionais especialistas aparecem em 4 matérias, publicadas nos meses de janeiro a março. A presença dessas fontes está diretamente ligada à arqueologia do Amapá¹², música¹³ e historiografia¹⁴. Apesar da importância de fontes especialistas para a apresentação de variados temas, é percebida a carência dessas vozes no material coletado. A falta da predominância de pesquisadores está ligada, também, a conteúdos rasos publicados no portal, que são direcionados a partir de uma visão mercantil, onde os textos são tidos como mercadoria e que devem se encaixar com a demanda do público. Textos rasos, com uma leitura rápida e descomplicada são uma tendência adotada pelo portal.

Rossi (1980) defende o estabelecimento de contatos com as fontes para um texto mais completo e informativo:

Evidentemente, abastecer-se de informações sobre os antecedentes de um assunto não basta. Para compor uma reportagem, o jornalista vale-se, fundamentalmente, de fontes de informação, conhecedoras do tema, mas também nele interessadas (direta ou indiretamente, política ou economicamente, em busca de prestígio, vingança ou qualquer outro motivo) (ROSSI, 1980, n.p).

É possível observar a influência da cultura popular como objeto de interesse das reportagens. Gadini (2007) considera que a cultura popular possui traços próprios, estabelecidos de acordo com o modo de vida de uma comunidade. Entretanto, o autor fala da dinamicidade da cultura, que é espontânea e se movimenta nos espaços sociais,

¹² Ver em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/natureza/amazonia/noticia/2021/01/23/pecas-arqueologicas-da-amazonia-brasileira-revelam-relacoes-entre-indigenas-do-amapa-e-do-caribe.ghtml> Acesso em: 19 jun. 2021.

¹³ Ver em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2021/02/18/cantor-mostra-em-clipe-o-encanto-das-fantasia-e-a-melancolia-do-carnaval-na-pandemia.ghtml> Acesso em: 19 jun. 2021.

¹⁴ Ver em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2021/02/04/em-meio-a-pandemia-saiba-como-conhecer-a-historia-de-macapa-sem-sair-de-casa.ghtml> / Acesso em: 19 jun. 2021.

incorporando elementos oriundos de outras culturas. Para Gadini (2007, p.57) a cultura popular é “dinâmica, conflituosa, contínua”, assim como a interação humana.

Com a falta de aprofundamento dos textos, não há a exploração da potência dessas pautas. O Marabaixo é um patrimônio cultural e imaterial do Brasil, porém não há um direcionamento que compreenda a complexidade e importância da manifestação. A exceção registrada são para iniciativas inovadoras que procuram ampliar a abordagem factual da pauta cultural local. Nesse sentido, procuramos e identificamos apenas duas matérias. Um exemplo foi a reportagem **‘Mulher à frente do seu tempo: trajetória de Tia Venina marca a história do Quilombo do Curiaú’**¹⁵, que usou a figura da mulher negra e marabaixeira para falar sobre o Dia Internacional da Mulher, apresentando à sociedade uma figura importante para a história do estado, além da força e resistência do poder feminino.

Na tentativa de buscar compreender a abordagem e direcionamento da cobertura, a proposta foi observar o objetivo das matérias sobre a prestação de serviços à sociedade, contextualização através de documentação científica, relatórios ou dados estatísticos. Além da apresentação de causas/consequências, responsáveis/protagonistas e alternativas/soluções na abordagem da questão pautada.

Do conteúdo coletado do site G1 Amapá, como é esperado de uma cobertura predominantemente factual, a maioria dos textos apresenta o fato isolado, ou seja, sem a contextualização capaz de aprofundar o tratamento do fato que observa dimensões contextuais que contribuem para o entendimento mais amplo do leitor.

Melo (2007), aponta ainda que para apresentar inovação no jornalismo cultural é necessária dedicação de quem o produz, devendo entender o papel que o mesmo na formação cultural das pessoas, além de fazer com que a cultura ultrapasse as barreiras locais, além de dar às pessoas entendimento das poéticas da vida, que se entrelaçam aos conceitos estéticos, éticos e políticos.

3. Portal Seles Nafes¹⁶

¹⁵ Ver em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2021/03/08/mulher-a-frente-do-seu-tempo-trajetoria-de-tia-venina-marca-a-historia-do-quilombo-do-curiau.ghtml> Acesso em: 22 jun. 2021.

¹⁶ Ver em: <https://selesnafes.com/> Acesso em: 19 jun. 2021.

O portal Seles Nafes é um portal de notícias do estado do Amapá que surgiu em 1 de janeiro de 2013, criado pelo ex-apresentador do Jornal do Amapá 1ª edição (JAP1) da Rede Amazônica (afiliada à Rede Globo). Em 2021, o Portal conta com aproximadamente 100 mil seguidores no Facebook e aborda editorias variadas tais como cultura, policial, cidade e outros.

À primeira vista, o leitor pode observar uma predominância de matérias da editoria de polícia e poluição visual na tela inicial do portal com diversos anúncios publicitários. Ainda, ele conta com dois podcasts, o ‘OuvirCast’, de Alexandre Azevedo e ‘Meditação bíblica’, de cunho religioso. Observa-se que o portal é dividido em editorias de Polícia, Política e Economia e Turismo. A editoria de cultura também é inexistente no portal. Lage (2005) define editoria como as divisões dentro do jornalismo que servem de base para que os jornalistas possam se dedicar de forma aprofundada.

No período analisado - janeiro a maio de 2021 - foram identificadas 13 matérias produzidas para o caderno de cultura. É importante destacar que o veículo não possui a editoria de cultura, no qual as editorias ‘Amapá’ e ‘turismo’ são as que mais alimentam textos voltados à temática cultural. Das matérias observadas, são 6 notícias, 3 notas, 2 entrevistas e 2 reportagens que compõem a cobertura de cultura no Amapá neste período de cinco meses.

Por se tratar de um portal de notícias que se insere dentro do contexto estadual, foi identificada a superioridade de matérias sobre a cultura local, sendo todo o conteúdo voltado à história e cultura do Amapá. Neste contexto, Bezerra (1991), contribui com a ideia de que o jornalismo cultural aborda algo concreto e prático, ou seja, a partir das publicações observa-se o dinamismo e imediatismo em levar para a população local informações que possam ser consumidas facilmente.

A temática mais abordada pelo portal inclui conteúdos noticiosos, com viés informativo, sobre eventos locais, seguindo a mesma premissa do site G1 sobre o acompanhamento do calendário cultural¹⁷ do estado, além de marcar os eventos culturais e outras produções sobre a cultura local¹⁸. O foco em abordar e destacar o protagonismo

¹⁷ Ver em: <https://selesnafes.com/2021/02/macapa-263-anos-atividades-religiosas-e-culturais-invadem-fortaleza/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

¹⁸ Ver em: <https://selesnafes.com/2021/03/festival-de-cinema-tera-categoria-para-estudantes/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

de personagens ou ‘atores culturais’ predominam na cobertura feita pelo veículo, com 4 matérias nesse direcionamento - 2 entrevistas, 1 reportagem e 1 notícia - seguido de ‘políticas públicas’ com 2 matérias e publicidade com apenas 1 texto.

Um dos critérios de análise adotado, tipologia das fontes, retoma a presença/falta e colocação dessas vozes dentro do material coletado. Das fontes presentes nos conteúdos, há a predominância de falas de agentes culturais do cenário amapaense, com o critério identificado em 6 textos.

Dessa forma, pode-se perceber um protagonismo dos artistas e produtores de cultura do estado, que são procurados e ouvidos pelo jornalismo do portal. Nesse aspecto, há a tendência de personalizar a abordagem em torno do ator que está envolvido com o campo cultural, que se sobrepõe a discutir criticamente questões de interesse público relativas à área.

Adiante, há matérias com fontes ligadas a agentes públicos (2), de movimentos culturais (2) e audiência do evento cultural (1). Nessa classificação, os conteúdos informativos não apresentam pluralidade de vozes no interior de um mesmo relato jornalístico, capaz de problematizar ou confrontar problemas ou questões que envolvem o direito, o acesso e políticas de cultura. Ou ainda, questões que possam problematizar os desafios e problemas comuns ao processo de produção cultural em cidades de médio porte como Macapá.

Chegando ao ponto em que é necessário compreender a importância da produção jornalística na área de cultura, no sentido de serem prestadoras de serviços à sociedade, procuramos entender a natureza da abordagem do conteúdo. Nesse ponto, são observados a contextualização do conteúdo através da presença (ou não) de documentos científicos, relatórios ou pesquisas estatísticas. Como continuidade dessa perspectiva, há as questões de apresentação de causas ou consequências da questão cultural que é pauta do conteúdo noticioso, a identificação de protagonistas relacionados ao problema e presença de alternativas/soluções para explicar e/ou resolver as problemáticas expostas na narrativa do veículo em torno da agenda cultural pautada. Nesse aspecto, percebe-se a pouca ou inexistente presença de um maior aprofundamento na cobertura.

Durante as leituras, é possível observar que a cobertura envolve pautas factuais, sem nenhuma abordagem que explore fontes e desdobramentos do fato. Há predominância de fatos isolados, isto é, que não fazem uso de recursos para contextualizar o fato noticiado como presença de relatórios, pesquisas acadêmicas e científicas ou dados estatísticos para apresentar possíveis causas, consequências, soluções ou alternativas para explicar aspectos da cobertura cultural pelo veículo.

No aspecto de análise ligado à inovação no tratamento das pautas culturais, o Portal Seles Nafes mantém padrão factual de cobertura. Segundo Melo (2007), há necessidade de discussões mais internas no que diz respeito ao papel do jornalista cultural, sendo este o mediador, traduzindo de forma clara e reflexiva, podendo ainda buscar novos meios de tratar um assunto com denúncias que possam suprir a necessidade de abordar a pauta por um olhar fora do convencional.

4. Considerações finais

O Jornalismo Cultural é um importante campo para a divulgação, debate e iniciativas referentes ao campo da cultura, com a possibilidade de colaborar com a formação cultural dos cidadãos e construção de uma sociedade que conheça os seus traços culturais, vivências, heranças e pertencimento dos grupos culturais amapaenses e os que aos poucos vão se formando.

A partir da análise do material coletado do G1 Amapá pode-se observar um padrão, que é notado pelo pouco interesse em trazer grandes debates sobre os temas culturais. Como apresentado acima, no Portal G1 Amapá, a disponibilização de grande parte dos conteúdos se dá na migração dos conteúdos televisivos dos respectivos telejornais da Rede Amazônica (afiliada à Rede Globo) para o próprio portal, ou seja, não há uma equipe de profissionais exclusivamente para a produção cultural. Nas datas observadas, os conteúdos unicamente para a web, feitos pelo G1, foram mínimos.

O portal de notícias Seles Nafes destina pouco espaço ao caderno de cultura, seja na quantidade de pautas publicadas ou na qualidade de informações disponibilizadas sobre cada fato. Na cultura do imediatismo, há a predominância de notícias com apenas uma ou no máximo duas fontes evidenciando tanto a falta de equipe qualificada para realizar a cobertura cultural, quanto a dedicação em oferecer ao público um conteúdo

diversificado, amplo e embasado cientificamente. As abordagens isoladas das pautas, sem a presença de documentos científicos para uma contextualização, mostram apenas o interesse em cobrir o que está acontecendo e/ou acompanhar o calendário de acontecimentos culturais do estado.

Em suma, por não possuírem uma editoria de Cultura, os jornais não contemplam o objetivo da cobertura jornalística cultural, que é estabelecer com a sociedade um diálogo sobre os temas pautados, oferecendo meios da população fomentar o pensamento crítico e agendar discussões importantes para o segmento da cultura.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEZERRA, Ruth Joffily. **Jornalismo e produção de moda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. v. 01. 148p.

CABRAL, Ione Vilhena. CARDOSO, Tatiane da Silva. AMANAJÁS, Roberto Carlos Pena. **Manifestação religiosa da igreja católica: A festa de São Tiago no município de Mazagão Velho** – AP. ISBN-13: 978-84-15547-92-1 N° Registro: 201292201. Disponível em: <http://www.eumed.net/libros-gratis/ciencia/2012/6/index.htm>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FARO, J. S. Jornalismo Cultural: Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo, Metodista, Ano 28, nº 46, 2006.

GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (org.) **Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses Cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. Mídia e Cultura Regional nas pesquisas em Jornalismo: Um retrato da tematização e análise do agendamento cultural nos estudos realizados na UEPG entre 2010 e 2015. **Revista Observatório**, v. 4, p. 413-433, 2018.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro. Record. 2005.

MARTINS, Benedito Rostan Costa. Marabaixo, ladrão, gengibirra e rádio - Traduções de linguagens de textos culturais. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) -

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4430>. Acesso em: 30 jun. 2021.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium**, Recife, ano 5, n.1, p. 45-55, janeiro-junho 2001. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF>. Acesso em: 18 jun. de 2021.

MELO, Izabelle Anchieta de. **Jornalismo Cultural: Pelo encontro da Clareza do Jornalismo com a Densidade e Complexidade da Cultura**, 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=1006>. Acesso em: 18 jun. de 2021.

ROSSI, Clóvis. **O que é Jornalismo**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SILVA, Luiz Custódio da. Desafios e caminhos possíveis para uma nova concepção de imprensa do interior. In: ASSIS, Francisco de (Org). **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem: um guia para jornalistas e profissionais do texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

WOITOWICZ, K. J. ; GADINI, S. L. Jornalismo, produção cultural e lógicas de mercado. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 14, p. 272-281, 2017.